

Presença de Carlos Drummond de Andrade na poesia de Adélia Prado*

Análise que evidencia o dialogismo nos textos de Adélia Prado, Carlos Drummond de Andrade, mostrando os momentos de encontro dos dois poetas. Leitura Intertextual.

Elevado à condição de Poeta Nacional, Carlos Drummond de Andrade chega aos oitenta anos de vida. Antes disso, porém, sua permanência na história da literatura brasileira, ultrapassando as limitações temporais, já estava assegurada. Não apenas pela qualidade de sua poesia — que vai do ilhamento romântico à participação plena na perplexidade dos tempos modernos — mas também porque ele tem sido o modelo de outros poetas: bissextos ou não, é nele que muitos vão buscar a matriz geradora de outras formas de expressão poética, como seria o caso até mesmo do cinema.

Ou o caso específico de Adélia Prado. Também mineira, ela surge em 1975 com o livro Bagagem, já revelando no título a intenção de expor aos seus prováveis leitores todo um repertório que se colocava acima das veleidades alfandegárias. Adélia surge amadurecida. E, amadurecidamente, inaugura o trajeto poético da mesma forma que Drummond, através de um poema em que a condição de poeta se liga à condição de ser humano marcado pela predestinação de um anjo. Não se trata, porém, de mera coincidência ou simples trabalho

* Trabalho apresentado no Ciclo de Palestras Comemorativas UFRGN, Natal, maio, 1982.

de epigono. Ao escrever «Com Licença Poética» e colocá-lo como texto de abertura do livro, Adélia deixou de lado a homenagem pela homenagem, para estabelecer um diálogo em que a voz feminina fará um contraponto com a voz masculina, sem medo de assumir suas próprias características de mulher. Sem medo e sem pieguices, o dialogismo se inicia em tom de paródia:

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.

Reconhecendo que esse é um cargo muito pesado e que a mulher é uma «espécie ainda envergonhada», ela não hesita em se afastar do plano da marginalidade 'gauche' determinada por um anjo que vive na sombra, para trilhar os caminhos da perfeita integração ao mundo coletivo, anunciado por um anjo esbelto e ruidoso. Enquanto Drummond mergulha na tensão entre o espaço que o rodeia e seu próprio espaço interior encontrando uma rima, mas não uma solução, Adélia Prado cumpre sua sina, inaugurando linhagens — este, um privilégio bem feminino — e abrindo seu coração à alegria de viver, possuída por uma emoção divina. Daí ela poder afirmar:

Vai ser coxo na vida, é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.

Descentralizando o eixo da perplexidade agônica (o que não quer dizer que o espanto esteja ausente de sua poesia), Adélia faz girar sua poética em torno do eixo da vida cuja arte se resume na redescoberta dos elementos cotidianamente mais simples, alargando as fronteiras do espaço do prazer. Seu corpo é toda sensibilidade, pronto a captar a sinestesia inerente a cada elemento. Assim, no poema «Sensorial», ela revela:

Obturação, é da amarela que eu ponho.
Pimenta e cravo,
mastigo à boca nua e me regalo.

Para que o desdobramento se cumpra, ela deixa o futuro para o futuro, e vive o instante presente com intensidade:

Procuro sol, porque sou bicho de corpo.
Sombra terei depois, a mais fria.

O «bicho de corpo» funciona, assim, como índice de oposição ao discurso patético de Drummond no «Poema de sete faces». Em vez de angustiar-se («Meu Deus, por que me abandonaste/ se sabias que eu não era Deus/ se sabias que eu era fraco.») — ela comunga com Deus a recriação do mundo na imagem de uma simples cigarra, como acontece em «Módulo de verão»:

Que noite tão clara e quente,
ó vida tão breve e boa!
A cigarra atrela as patas
é no meu coração.
O que ela fica gritando eu não entendo,
sei que é pura esperança.

O próprio título do poema já nos remete ao espaço do calor e, portanto, do prazer. A claridade da noite reafirma essa qualidade que corrige a transitoriedade da vida, que é tão breve, mas é boa. Tão gratificante que cigarra e Poeta cantam um só canto de entusiasmo, sem «paralíticos sonhos de desgosto de viver/ (a vida para mim é vontade de morrer)», como diria Drummond em «Coração numeroso». O coração, assim atrelado ao canto da cigarra, não se considera mais vasto que o mundo: ele é o próprio mundo, em perfeita comunhão. De tal forma que não é necessário traduzir «O que ela fica gritando», pois a imagem poética não se faz apenas por palavras, mas nasce de um jogo de analogias. Estabelecido o jogo analógico, Vida e Poesia se fundem — e a imagem da esperança brota plena de pureza.

E essa esperança de um mundo em que o natural e o cultural estejam perfeitamente harmonizados só é possível porque a memória atua sempre como elemento de recuperação e permanência do prazer. Em outras palavras, podemos dizer que para Adélia Prado a memória não é uma forma de amar o perdido, nem de confundir o coração. Em Drummond, no poema «Infância», por exemplo, lamenta-se o que passou irremediavelmente para o menino antigo, sozinho entre mangueiras, lendo e reinventando a história de Robinson Crusóé. Em Adélia, no poema «Leitura», há o mergulho no sonho, cujas imagens vão sendo pouco a pouco decodificadas: o quintal ensombrado, as maçãs temporãs, a melhor água e o encontro com o pai, que não estava doente e nem tinha morrido — são índices de que a memória não é apenas reminiscência, mas acima de tudo fonte geradora de vida. Por isso, Adélia sempre sonha

que uma coisa gera,
nunca nada está morto.
O que não parece vivo, aduba.
O que parece estático, espera.

Estático e dinâmico, portanto, são opostos que não se excluem. Antes coexistem sem maniqueísmo, uma coisa imbricada na outra, mergulhada no útero da terra de tal forma que o Poeta — em «Exausto» — pede «uma licença de dormir», desejando

o que antes da vida
foi o profundo sono das espécies,
a graça de um estado.
Semente.
Muito mais que raízes.

O estado de diapausa — «deter a vida numa semente» — é a fusão dos contrários como resposta, uma vez mais e sempre reiterada, à condição de 'gauche'. E a imagem mais concreta dessa germinação está contida em «Ovos de Páscoa»:

O ovo não cabe em si, túrgido de promessa,
a natureza morta palpitante.
Branco tão frágil guarda um sol ocluso,
o que vai viver, espera.

O ovo-semente ultrapassa seus próprios limites na medida em que a morte nada mais é do que o nascimento de uma outra vida. O que em Drummond seria o tom da aurora, em Adélia é o amarelo da própria gema do ovo. Por isso ela faz a «Louvação para uma cor»:

O amarelo faz decorrer de si os mamões de sua polpa,
o amarelo furável.

Furável e desdobrável, guardando em seu íntimo «o minúsculo ponto, o grão luminoso» que acende o cio, isto é, que é fonte de vida, Eros na sua plenitude «tropicordiosa» — quente como o sol que o Poeta busca sempre, este sol que é também ovo, fonte de luz e vida, sol amarelo porque:

O amarelo engendra.

Engendra mas não exclui o roxo, sendo mesmo a sua contrapartida natural. Assim como os tons da autora prenunciam a claridade de um novo dia, o roxo é a epifania do amarelo, pois o roxo é

uma doadura pra amanhecer.
A paixão de Jesus é roxa e branca,
pertinho da alegria.

(«Roxo»)

Para alcançar a alegria é preciso compreender que o reino do céu está no homem, e não fora dele. Por isso, Adélia escolhe como matriz geradora da sua «Bagagem» outro poema de Drummond: «José». A perplexidade existencial do personagem drummondiano deixa-o sozinho no escuro, sem ao menos uma parede para se apoiar. Já o personagem de Adélia encosta-se «na parede, / as mãos para trás». Em vez do impasse referenciado pela indagação que abre o poema de Drummond — «E agora, José?» —, o poema de Adélia Prado tem como título uma palavra de ordem: «Agora, ó José?». Dessa forma, reitera-se o diálogo na constante reafirmação de que a vida, por mais breve que seja, merece ser vivida uma vez que:

O que te salva da vida
é a vida mesma, ó José,

— portanto, não devemos temer a pedra no meio do caminho. Devemos aceitá-la, compreendê-la como inerente ao trajeto humano e, resistindo, ultrapassá-la para que o destino da semente se cumpra. Aceitando a pedra, será mais fácil vislumbrar o som de uma flauta encantada, «um oboé em Bach», corrigindo a valsa vienense. É, mera coincidência ou não, um dos pontos mais altos da poética de Adélia Prado será o poema «Para o Zé», dedicado a seu marido:

Eu te amo, homem, hoje como
toda vida quis e não sabia

— e Adélia, «que já amava de extremoso amor», vai enumerando os índices de sua felicidade, compondo um universo feito só de elementos puros, simples, caseiros, tais como o peixe, a mala velha, o papel de seda e os riscos do bordado onde se desenha o mapa de um percurso existencial. Homem e mulher irmanados ao som de um violino harmonioso que rompe padrões de amor. E Adélia ama intensa-

mente um José livre de perplexidades — mas não alienado —, com os pés no chão, participando de tudo, até mesmo daquilo que tradicionalmente não seria poético ou não seria razão de amor: o homem amado na abrangência de sua matéria, sua fauna e flora, as aparas das unhas, os fios da barba, as partes mais secretas do corpo num eterno aprendizado que implica até mesmo em viajar para sentir saudades:

Aprendo. Te aprendo, homem. O que a memória ama
fica eterno. Te amo com a memória, imperecível.

Sem ferir sua individualidade, Adélia cumpre o grande desígnio amoroso da dualidade em que um suplementa o outro, um torna o outro mais bonito e faz o coração desdobrar-se no mistério da duplicação, amando até mesmo a barata e o piolho de modo mais natural; porque o ser humano está em tudo que não é humano e

Tudo que não é mulher está em ti, maravilha.

Nessa explosão de lirismo, a participação se faz total e totalizante. Por isso ela é capaz de amar como senhora e como criada numa teogonia em que Deus, Amor e Sexo se fundem permitindo à amante beijar o dorso e a planta dos pés do amado sem que haja nenhuma forma de submissão, mas pura exaltação de um sentimento que transforma o homem particular em um homem universal e confere à transitoriedade do instante do caráter de eternidade que vende as armadilhas do tempo. Tão breve a vida e tão boa, gostosa de ser vivida.

Esse apego à vida é que se contrapõe ao Drummond dos poemas que serviram de matriz ao livro de Adélia Prado. A pergunta aparentemente sem resposta — E agora? — é deslocada por Adélia Prado para a dimensão do «É agora», que se desdobra nas diferentes formas de vida, todas elas interligadas. Assim, a abelha laboriosa extrai o mel da florinha amarela numa constante amanhecência:

Uma ocasião,
meu pai pintou a casa toda
de alaranjado brilhante.
Por muito tempo moramos numa casa
como ele mesmo dizia:
constantemente amanhecendo.

(«Impressionista»)

E ainda:

A vida é mais tempo
alegre do que triste. Melhor é ser.

(«Momento»)

Porque:

Muito maior que a morte é a vida.

(«O modo poético»)

Tão maior, que Adélia pode sempre retomar o plano da memória, sem que a memória perca seu papel de geradora de imagens poéticas, através das quais o possível esfacelamento do mundo é desdobrado em novos universos. Por isso ela é capaz de extrair do estático toda uma forma dinâmica de representação e vivência do dia-a-dia, como acontece em «As mortes sucessivas»: depois de recordar a morte da irmã e de sua mãe, ela revive a significação da morte que mais a atingiu:

Quando meu pai morreu, nunca mais me consolei.

Em compensação, foi a partir desse impacto, coerente com sua filosofia, que ela constatou:

Meus seios se cumpriram
e as moitas onde existo
são pura sarça ardente de memória.

Concluindo esse breve estudo, panorâmico e por isso mesmo incompleto, podemos reafirmar que uma das maneiras para se aferir a importância de um escritor é verificar sua ressonância na obra de outro escritor. A presença de Carlos Drummond de Andrade na poesia de Adélia é uma constatação inequívoca da perenidade do Poeta de Itabira no feliz encontro com o Poeta de Divinópolis. Principalmente porque esse encontro não se dá de maneira ingênua, mas numa postura crítica própria de quem faz poemas de circunstância (mas não circunstanciais). Tanto é assim que em «Todos fazem um poema a Carlos Drummond de Andrade», Adélia repudia a dicção lamuriosa da mulher que sente inveja dele, apesar das extraordinárias semelhanças. Adélia

não inveja Drummond, porque entre eles há mais do que semelhanças: há um constante diálogo, uma constante indagação que fundamenta o amor recíproco e, portanto, verdadeiro:

**Eu sou poeta? Eu sou?
Qualquer resposta verdadeira
e poderei amá-lo.**

Adélia Prado é Poeta. Carlos Drummond de Andrade é Poeta. E o dialogismo entre os dois marca dois grandes momentos do projeto literário brasileiro.

Niterói, 11 de maio de 1982.

Analyses through «intertextual reading» the dialogue in the texts by Adélia Prado and Carlos Drummond de Andrade, emphasizing the recurring points in the works of those two poets.

BIBLIOGRAFIA BASICA:

- GOKOVATE, Flávio. O Instinto do amor. 2. ed. São Paulo, MG ED. Associados, 1979.**
- PAZ, Octávio. Signos em rotação. São Paulo, Perspectiva, 1972.**
- SALOMÃO, Margarida. Prefácio. In: PRADO, Adélia. Bagagem. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1979.**
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. Adélia: a mulher, o corpo e a poesia. In: PRADO, Adélia. O coração disparado. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978.**
- SANTIAGO, Silviano. Carlos Drummond de Andrade. Coleção Poetas Modernos do Brasil / 4. Petrópolis, Vozes, 1976.**